

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Guamabara

DATA: 19/09/1961 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: Em novo "tour" pela Bienal

ASSUNTO: Jayme Maurício analisa a VI Bienal

961

C. da M. 19.9.61

2.º Caderno

## Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURÍCIO

### EM NÓVO "TOUR" PELA BIENAL

SÃO PAULO — Novamente na Paulicéia, transformada por força da VI Bienal na Meca das artes visuais do mundo, acompanhando suas flutuações internas e externas, essa complicada inauguração que, finalmente, foi fixada para o primeiro domingo de outubro, dia 1.º, quando o sr. João Goulart fará sua primeira visita aos paulistas na qualidade de presidente da República, acompanhado do corpo diplomático e autoridades estaduais.

Os quilômetros de pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura e cenografia não permitem a formação de pontos de vistas mais aprofundados — não conseguimos ainda uma visão geral de toda a VI Bienal com seus 527 expositores de mais de 50 países... Desde logo, entretanto, é possível assinalar alguns pontos mais expressivos.

A contribuição da França é vigorosa, desde a sala do venerável André Villon (pintura e gravura) nos seus 86 anos, até as experiências espacocinêmicas de Nicolas Schoffer (a contribuição vanguardista, no bom sentido da palavra, mais importante da Bienal), passando por Maria Helena Vieira da Silva (grande prêmio) com representação deficiente da sua grande obra, Etine Martin, um escultor gravemente injustiçado e outros. Segue-se a Alemanha com uma retrospectiva de Kurt Schwitters que remonta ao Dadaísmo, e a revelação de Julius Bissier e seu abstracionismo lírico em peças de pequenas dimensões e minúsculas. O Japão, fabuloso, com a retrospectiva de Tessa, a sala da Caligrafia Japonesa, e os seis artistas contemporâneos, entre os quais ressalta — e aí o júri foi perfeito — a pintura de Saito. A Argentina com uma sólida representação de pintura e escultura, destacando-se Alicia Penalba, grande prêmio de escultura, Iommi, Hlito, Ocampo, Forner etc. — O México com Orozco e vários contemporâneos. As mestras dos Afrescos da Ajanta, Afrescos, Medievais da Iugoslávia, sala de Documentos do Homem Palco-Americano, o Barroco Missionário Paraguaio, A arte da Costa de Marfim.

O Brasil, com cerca de 147 expositores se defende no confronto sobretudo pelas salas especiais de alguns dos premiados das bienais anteriores e pela exposição de Eugene Boudin, que José Roberto Teixeira Leite organizou com as peças que constituem o melhor, talvez, do misterioso acervo do MNBA. Todas estas "salas especiais" dos brasileiros foram bem realizadas e nos dão uma forte impressão e a medida eloquente dos seus autores: Goeldi, Volpi, Abramo, Dacosta, Di Preti, Grassmann, Pedroso d'Horta, Ostrower e Aldemir Martins, este o mais fraco, embora o nível e qualidade dos últimos trabalhos, vindos da Europa. É um conjunto de grande envergadura que tranqüiliza qualquer brasileiro e salva certas barbaridades da sala geral com certos "isentos de júri". Talvez pudesse ser ampliada a sala de Grassmann, a de Ostrower e melhorada a de Aldemir. O resto está excelente, sobretudo Volpi e Dacosta.

A sala geral dos brasileiros, além de situada num local infame (próximo ao bar-restaurante, no andar térreo, aos stands de livros e à entrada principal, com a iluminação mais precária possível, local onde apresentaram Portinari na Bienal passada) é um conjunto confuso de coisas boas, regulares e péssimas, estas quase que anulando aquelas. Revendo os valores mais expressivos e, sobretudo, os premiados pelo júri internacional (tão internacional que nele o Brasil, colado, só contava com uma voz contra dez,

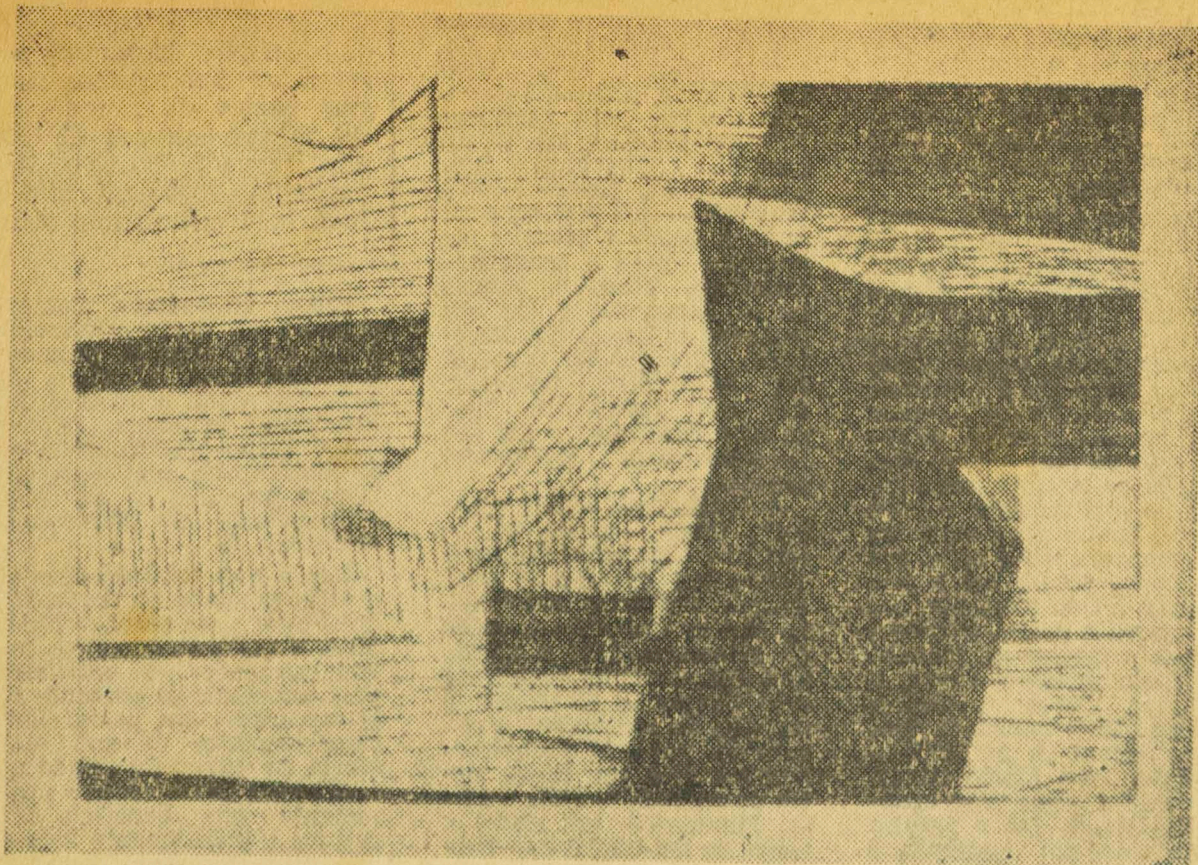
embora fosse a maior participação, o financiador e organizador, resultando no que resultou) tentamos interpretar a orientação seguida, serenamente, sem prevenções, sem malícia. E, salvo, o caso de Iberê Camargo, duvidoso ainda num confronto com a obra de Bandeira e a representação de Ivan Serpa e Maria Leontina, os demais não convencem como "o melhor". Temos a impressão de que predominou uma certa paixão, um certo amor próprio, um certo espírito de teimosia, autoritarismo artístico (quase ditatorial). Seria tão mais razoável e fácil premiar Lígia Clark, Wladislaw e Isabel Pons como "revelações" ou um rótulo qualquer para o trabalho que vem realizando há apenas dois ou três anos, do que impor seus "achados" e malabarismos acima de outros que desde há longos anos realizam uma obra consciente, dura e reconhecidamente qualificada como Mário Cravo, Felícia Beirner, Vangi, Esith Ebering, Ana Letícia, Rossini Perez, Chaves, Piza, Darel Valença, Italo Cencini, e outros.

Gostaríamos de perguntar ao júri as razões por que deixou de premiar Nicolas Schoffer, o mais experimental de todos, e premiou as experiências-bichos de Lígia? Por que premiou a obra de Vieira da Silva, tão mal representada, e não o mesmo critério para com a obra de Antônio Bandeira, que também está lá muito bem representado? Por que o figurativismo do polonês Kuliesiewicz com seus temas mexicanos e outros temas agradou tanto e os temas de Darel Valença, menos comprometidos, não mereceram consideração maior? E afinal, numa expressiva coerência nacional e internacional, o que vem a ser a boa gravura, a gravura com estrutura própria, limpa, sem malabarismos, se numa exposição onde afinal de contas existem Villon e Goeldi, para não falar de outros, se concedem os prêmios de gravura ao banalíssimo Baskin (que quase ia recebendo, dizem, o prêmio de desenho...) e aos efeitos de Isabel Pons e suas sedutoras monotípias? Enfim, várias outras perguntas ocorrem não como reivindicação ou tentativa de anular o julgamento mas como contribuição ao esclarecimento do público que dado o forte impacto da Bienal, ficará perplexo entre o que lhe dizem há muitos anos sobre as técnicas das artes visuais e seu espírito básico e as decisões revolucionárias (a palavra mágica, elástica, sempre tão abusada) das premiações da VI Bienal. Qualquer campanha a respeito, deve ter esse sentido. Apenas.

#### LASAR SEGALL NO MNBA

Uma importante exposição da obra gráfica (documentação, bibliografia, cartazes, livros, e 300 originais) de Lasar Segall foi inaugurada no Museu Nacional de Belas Artes. Lamentavelmente não foi possível o comparecimento do columnista, o que não impede que recomendemos aos leitores a rara oportunidade de contato com um lado da obra de um dos mais importantes pintores brasileiros de todos os tempos, na certeza do cuidado que Teixeira Leite, Bardi e dona Geny Segall terão tido para montagem e preparação da mostra.

#### FAYGA AMANHÃ NA GALERIA BONINO



Fayga Ostrower, a mais internacional das artistas brasileiras, como se vê pelos dados abaixo, vai inaugurar uma grande exposição de gravuras recentes na Galeria Bonino (Rua Barata Ribeiro) amanhã, às 21h 30m. É a primeira exposição que realiza a gravadora desde a sua mostra no MAM do Rio, em 1958. Recordemos alguns pontos da carreira de Fayga Ostrower, para cuja inauguração estaremos no Rio:

1948-50 — Medalhas de Bronze e Prata no Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.  
1954 — Convite para a "Guilde Internationale de la Gravure" de Genebra.  
1955 — Prêmio "Carlo Tagagnini" na III Bienal de São Paulo.  
— Viagem "Fulbright" para os EE. UU., participação no "Symposium of Art", pela Universidade de Bennington, Vermont e no "Congress on University Education" pela Universidade de Chicago.  
1956 — Prêmio "Arte Contemporânea", Museu de Arte Moderna, São Paulo.  
1957 — Prêmio Nacional de Gravura, IV Bienal de São Paulo.  
1958 — Prêmio Internacional de Gravura, XXIX Bienal de Veneza.

1960 — 1.º Prêmio — I Certame Interamericano de Xilogravuras, Buenos Aires.

— Menção Honrosa, II Bienal do México.

1961 — Sala Especial na VI Bienal de São Paulo.

#### PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS:

Ministério de Educação, Rio de Janeiro —

1948, 1950, 1953, 1956.

Museu de Arte Moderna São Paulo — 1948, 1950, 1953, 1956.

The Contemporaries Gallery, New York —

1955.

Pan American Union, Washington — 1955.

Gutekunst & Klipstein, Berne, Suíça — 1957.

Museum of Fine Arts, San Francisco — 1957.

Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro —

1958.

Galeria Ambiente, São Paulo — 1958.

Galeria Bonino, Buenos Aires — 1958.

Forsythe Gallery, Ann Arbor, EE. UU. —

1959.

Springer Galerie, Berlim — 1959.

Stedelijk Museum, Amsterdam — 1959.

Institute of Fine Arts, Chicago — 1960.